

CALENDÁRIO ESCOLAR: O ONTEM E O HOJE NA AFIRMAÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE DA MULHER NEGRA BRASILEIRA

TEREZA CRISTINA SOARES DE SÁ¹

DIACUI BENAIZIR SOARES DE SÁ SANTOS²

LUAN BENCOS DE SÁ CERQUEIRA³

RESUMO

No contexto educacional, os ensinamentos sempre priorizaram a história hegemônica imposta pelos colonizadores. Contudo, a contemporaneidade exige que a escola assume o papel indispensável e fundamental que lhe cabe na sociedade que é unir forças no combate às discriminações e consequentemente garantir a validação e emancipação dos grupos historicamente impactados pela hegemonia, principalmente mulheres negras, figuras indispensáveis na manutenção da memória ancestral. Para tanto, trazemos nesse estudo a demonstração de como o processo de afirmação identitária pode ser fortalecido, sustentado com ações contra hegemônicas como o Encontro de Mulheres Negras, realizada na Escola Municipal Themístocles Andrade, em Ilhéus, no Sul da Bahia, que utiliza a inserção do 25 de julho, o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra como data relevante no calendário escolar, oportunizando através do estudo da vida de mulheres negras e do diálogo presencial entre elas em rodas de conversas. Desse modo, garantem visibilidade para suas lutas e resistências em diferentes setores e territórios sociais, garantindo a intersecção entre o ontem e o hoje na construção de narrativas individuais e coletivas que salvaguarda e valida a memória ancestral negra.

Palavras-chave: Educação, Mulher negra, 25 de Julho

¹ Mestra em Ensino e Relações Étnico Raciais, professora, poeta e atriz. E-mail: terezatriz@msn.com

² Engenheira Florestal, ativista do MNU, Membro do Corpo Colaborativo do Projeto Mulher Negra a Força que Se explica Email: diacuisa15@gmail.com

³ Ator da Cia Trapizonga de Teatro, ativista do MNU. E-mail luancerqueirasa21@gmail.com

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



*"Por menos que conte a história
não te esqueço meu povo
se Palmares não vive mais
faremos Palmares de novo"
(José Carlos Limeira)*

A realidade vivida pelos povos afrodiáspóricos é ainda carregada de resquícios do período escravocrata que marcou a formação do povo brasileiro, pois partiu da validação apenas da cultura do colonizador. Do processo de "abolição", restou apenas o mito da democracia racial e o resultado é a instituição da relação interétnica conturbada, pautada no racismo institucional, que gera desrespeito, humilhações e desigualdades. Nos âmbitos sociais é frequente a falta de valorização à cultura, história e identidade desse povo, provando que a "carga negativa que esse país possui no imaginário social brasileiro subsidia e fundamenta os estereótipos racistas diariamente veiculados sobre afrodescendentes no Brasil". (NASCIMENTO, 2001, p.120). Esse desdobramento histórico mexeu com a formação da identidade dessa população, pois o processo de inviabilização a colocou à margem da sociedade.

Quando inserimos nesse contexto a mulher negra, percebemos que a realidade é bem mais complicada, pois a sociedade foi construída a partir do patriarcado e do racismo e a mulher negra sofre essa dupla opressão, como bem afirma (Munanga, 2006, p133):

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista, e ser negra numa sociedade racista.

As mulheres negras são vítimas diretamente, sofrendo os mais variados tipos de violência, que perpassam pelo aspecto simbólico, estético e concreto, seja em hospitais, no mercado de trabalho, nas escolas, no sistema de saúde, sem pontuar o feminicídio que cresce assustadoramente, matando-

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



as diariamente, gritantemente, em maior escala. Ainda assim, elas resistem se articulam na luta através de movimentos de mulheres negras em busca de melhores condição de vida para si e para suas iguais:

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras." (CARNEIRO, 2003, p.1)

Nessa perspectiva, a participação da mulher negra na soma das estratégias de resistência fortalecera nossa atuação nos dias de hoje. Os caminhos percorridos por nossas ancestrais foram cruciais para que agora pudéssemos sonhar e ocupar todos os espaços que foram a elas negados. Se hoje estamos nos firmando como protagonistas de nossa história e nos permitindo a tantas conquistas é porque, antes de nós, chegaram outras mulheres que iniciaram a batalha antirracista. Nossos passos vêm de longe, nos explicita Jurema Wernek (2016) e, com essa certeza, nós, na contemporaneidade, entendemos que recontar a história com nossa própria voz, com nossos próprios corpos só faz sentido porque carregamos a ancestralidade da mulher negra que se doou para driblar o apagamento histórico de nossas memórias o qual ainda somos impostas pelo racismo estrutural.

*"A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade."
(Conceição Evaristo)*

Quais registros, memórias, perpassam o imaginário de meninas e adolescentes negras quando compartilham e aprendem sobre questões históricas no espaço escolar? Não se trata de uma pergunta retórica, mas de



uma resposta muito complexa, pois há muita subjetividade a envolver a existência de cada indivíduo. No entanto, sabemos que as personalidades midiáticas por razões econômicas e de prestígio exercem grande influências nas subjetividades de crianças e adolescentes. Esse cenário não é diferente na realidade da escola que estamos a analisar, ainda que situada em zona periférica da cidade, cuja população é majoritariamente negra, a internet é a ferramenta que estimula a identificação através da representação de forma rápida e simplificada.

Assim, se pensarmos que a contemporaneidade, por conta da obrigatoriedade da lei 10.639/03, atual 11.645/08, acompanharemos as editoras incluírem em seus livros didáticos temáticas referentes às questões e personalidades indígenas e negras. Isso pelo fato de que a aprovação da lei forçou as escolas do Ensino Fundamental e Médio a criarem circunstâncias para inserir em suas práticas o ensino da história e cultura Afro-Brasileira e Africana. Portanto, contamos com alguns livros didáticos que tratam a história pelo viés da presença de todos os povos e etnias na construção de nossa sociedade.

Poderia esse contexto nos credenciar a uma assertiva de que o referencial negro feminino se apresenta como referência positiva e povoa a memória dessas meninas se sabemos que tantas mulheres negras protagonizaram no cenário escravagista, a exemplo de Maria Felipa, Tereza de Benguela, Dandara dos Palmares, entre outras. Mas a validação para a histórias dessas mulheres ainda é muito sutil em nossas escolas e historicamente suas realidades estiveram alijadas de seu verdadeiro papel na organização sócio-política e de suas estratégias para resistir ao regime perverso no cenário nacional. Papel fundamental que as colocam hoje como referência históricas de luta e de memória ancestral.

No tocante a atuação de educadores/as nas ações pedagógicas frente às questões de memória e identidade negra no processo de aplicação das leis citadas, entendemos que a depender do posicionamento político,

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



bem como o referencial histórico dos/as mesmos/as, o desmembramento desse conhecimento histórico pode sofrer inferências arraigadas aos moldes eurocêntricos, deixando a atuação dos povos indígenas e negros pouco fundamentadas. Esse fato baseia nossa problematização, por entender o quanto é difícil romper com a homogeneização que a cultura dominante impôs durante anos, porém acreditamos ser a escola o canal mais propício para desvencilhar essa amarra histórica, como aponta Santos: "É tarefa da escola fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos. É necessário romper o silêncio a que foram relegados negros, índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmos". (2001, p 107).

Sabemos, no entanto, que a escola precisa de muita decisão política para entrar nessa batalha e sair vitoriosa, pois como muito bem explicita Gomes (2003):

O trato pedagógico da diversidade é algo complexo. Ele exige o reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de padrões de respeito, de ética e a garantia dos direitos sociais. Avançar na construção de práticas educativas que contemplem o uno e o múltiplo significa romper com a ideia de homogeneidade e de uniformização que ainda impera no campo educacional. Representa entender a educação para além do seu aspecto institucional e compreendê-la dentro do processo de desenvolvimento humano. Isso nos coloca diante dos diversos espaços sociais em que o educativo acontece e nos convida a extrapolar os muros da escola e a ressignificar a prática educativa, a relação com o conhecimento, o currículo e a comunidade escolar. (Gomes, 2003, p. 23).

É de suma importância travar essa luta para a representação dos que por muito tempo estiveram ausentes na representatividade de nossa história e de nossa memória. Fazer isso a partir da escola representa um desafio e também um encorajamento.

*"A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico*

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



*pacientemente cose a rede
da nossa milenar resistência."
(Conceição Evaristo)*

A Escola Municipal Themístocles Andrade, foi construída nos idos de 1988, está localizada na zona oeste, às margens do Rio Fundão e é situada na zona periférica da cidade, no sul da Bahia. Atualmente a escola comporta Fundamental II e EJA nos turnos matutino, vespertino e noturno, e conta nesse ano com cerca de 800 estudantes, sendo em sua grande maioria afrodescendente. Ao longo desses anos se tornou uma referência no bairro, pois nasceu dos anseios dessa população que em sua maioria é de baixa renda. A Escola Municipal Themístocles Andrade, na atualidade pode ser considerada um centro de convivência para os mais de 40 mil habitantes. É "um lugar privilegiado que reflete através de diferentes perspectivas, o rico e desafiador enredo das relações sociais" (Pereira, 2007, p.15). Como toda escola, vive o desafio de conciliar relações conflitivas das diversidades, "a diversidade cultural se constitui em um problema ali, onde a convivência humana é marcada por conflitos dramáticos, motivados por preconceitos, discriminações étnicas, de gênero, de preferências sexuais, de gerações e outros" (GONÇALVES; SILVA, 2004, p. 25).

A Escola Municipal Themístocles Andrade abarca o projeto interdisciplinar de cor/ raça e gênero, que se fortalece desde 2014 com ações que confirmam a resistência, o protagonismo dos/as professores/as que mantêm o foco nas relações étnico-raciais, na implementação da lei e na luta por uma educação antirracista. Sob esse olhar, o projeto "Mulher negra: a força que se explica", tem como objetivo geral: apresentar a resistência e superação da mulher negra ao longo da história do Brasil a partir ancestralidade africana. Entendemos esse projeto como ação afirmativa da escola, pois além de implementar a lei 10639/03, nutre e desenvolve um trabalho com as relações étnico raciais, de gênero, que ao nosso ver são também assunto urgente no ambiente escolar.



Além disso, percebemos que estamos envoltos/as em datas comemorativas em vários contextos sociais e familiares como estratégia de memória. Entendemos também que o contexto educacional sempre foi permeado por elas, e, nesse lugar, prioritariamente compreendemos que as mesmas sempre priorizaram a história/memória da hegemonia imposta pelos colonizadores. De acordo com Quijano (2000):

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo. (QUIJANO, 2005, p. 9).

Essa imposição de conhecimentos, mencionada por Quijano, pode ser notada já nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental I, quando verificamos o registro no calendário escolar e em atividades celebrativas o 13 de maio- Abolição a escravatura (com foco na princesa Isabel); 25 de agosto- Dia do Soldado; 7 de setembro- Independência do Brasil (ênfatizando a figura de D. Pedro I). Estas entre outras datas emblemáticas são apresentadas no intuito de avivar a memória dos estudantes e demonstrar o civismo e o heroísmos da branquitude.

Por entender a natureza educativa das datas comemorativas e da carga política que elas carregam, é que nesse trabalho lançamos o olhar para o encontro realizado na escola supracitada, a cada 25 de julho, dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Trata-se do ENCONTRO DE MULHERES NEGRAS NO BAIRRO TEOTÔNIO VILELA. Esta data foi inserida no calendário da escola há nove anos e consolida com encontro de mulheres de vários segmentos da sociedade e de várias faixas etárias. A grandeza desse encontro tem seu ponto alto no encontro das mais velhas com as mais novas, nas histórias de vidas apresentadas que vão se cruzando e dando sentido à força ancestral que perpassa a vida de todas, o que representa uma resposta

“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



à exigência da contemporaneidade de garantir o espaço para novos atores na cena histórica e relembrar a luta e preservar a memória do povo negro.

Por fim, nesses encontros são propiciados diálogos, reflexões, questionamentos e trocas que coadunam em africanidades. Eles nos revelam a memória como símbolo de resistência sustentadas por mulheres negras e que hoje nos servem de orientação para novas lutas e novas organizações. Dessa forma, notamos que essa ação pedagógica mostra como a escola a partir da insubmissão do calendário, uma vez que infringe a imposição e enquadramento das datas convencionais, pode cumprir seu papel educativo e ressignificar valores através da memória ancestral protagonizada por mulheres negras. Essas mulheres que viveram invisibilizadas e na subalternidade da história, mantiveram acesa a memória ancestral e cunharam nossa capacidade de resistir para existir.

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÓ



II Encontro de Mulheres negras no Teotônio Vilela 25 julho 2022

EU MULHER NEGRA NÃO ANDO SÓ

Sérgio Nogueira

Eloah Monteiro
Cantora, compositora e atriz

Cia Trapizonga de Teatro-Tereza & Telma Sá

Keylla Azevedo

Mestra Vânia Coruja, Erlon Costa Chocolate - Grupo de Capoeira União Nação Zumbi

ATRAÇÕES ARTÍSTICO CULTURAIS

Escola Municipal Themístocles Andrade

CONVIDADAS

Luciana Leitão: Mulher Negra
Professora Honorária do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/UEFS), Doutorado em PEDAGOGIA

Geomara Moreno: Mulher Negra
Poeta, Ilustradora, Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, Doutoranda do PPGEDUCA

Eva Paim: Mulher Negra
Psicóloga clínica antirracista (CRP-03/20933), especialista em Psicologia Social, Terapeuta Acepita em formação, Idealizadora do projeto Se Afrocheguei, facilitadora do grupo terapêutico Se Afrocheguei.

MEDIADORA

Angelina Maria de Jesus:
Mulher Negra, mãe, diarista

II Encontro de Mulheres negras no Teotônio Vilela

EU MULHER NEGRA NÃO ANDO SÓ 25 julho 2022 às 8h30

Graci Sá
Escritora, jornalista, fotógrafa, podcaster, Formada em Comunicação Social, Mestre em Memória Linguagem e Sociedade

III Encontro de Mulheres negras no Teotônio Vilela 25 julho 2023

**"Não seremos interrompidas":
juntas somos revolução**

Jaciara de Souza
Pedagoga
Segurança particular

Égla Passos
Jornalista: Graduada em Comunicação Social Rádio e TV
MBA em Comunicação e MKT em Mídias Digitais; Mais de 10 anos de atuação na Comunicação;
Apresentadora/Repórter da TTVV

Marta de Melo Lisboa
Advogada; Pedagoga;
Presidente da Comissão da Promoção de Igualdade Racial da Subseção OAB/Ilhéus; Mestranda em Estado e Sociedade pela UFSB

Laiza Gama
Psicóloga com ênfase em Gestalt-Terapia;
Pós Graduada em Saúde Pública; Em formação em clínica racializada e saúde mental da população negra

Thais Magalhães
Professora, empreendedora e criadora do Dream It Curso de Inglês

Eline kerolby
Estudante

Mariana Carolina Leite
Estudante de teatro da EMTA; cantora

MEDIADORA
Geomara Moreno
Assistente Social
Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais
Doutoranda em Estado e Sociedade

Aqui tem Resistência

Aqui tem Consciência

Projeto interdisciplinar
MULHER NEGRA: A FORÇA QUE SE EXPLICA

Escola Municipal Themístocles Andrade
25/07/2019 às 7:30h

Imagens de cartazes e fotos dos Encontros de Mulheres Negras nos últimos anos realizados através do Projeto Mulher Negra: a força que se explica na escola Municipal Themístocles Andrade – Acervo das autoras

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira, e dá outras providências).

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade étnico-cultural. In: RAMOS, Marise Nogueira (et all.) **Diversidade na Educação: reflexões e experiências**. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2003.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **Colonialidade do poder: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Trad. Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). São Paulo: CLACSO, p.1-27, 2005.